



DIVAGAÇÕES SOBRE O CAPITALISMO: ATÉ ONDE DEVEMOS MANTÊ-LO?

Andressa de Carvalho Marques
Lucas Dall'Agnol das Chagas
Tiago Bordin Lucas

"Nos querem todos iguais,
Assim é bem mais fácil nos controlar".
(Renato Russo)

RESUMO: O assunto "Capitalismo" é extensivamente explanado e especulado: estuda-se sobre ele nos colégios, a compreensão sobre o universo financeiro depende dele e é foco de debates políticos. No entanto, muitas vezes a discussão sobre o assunto é superficial e incompleta. Com o objetivo de esclarecer e buscar um debate mais ciente abordar-se-ão questões tangentes ao capitalismo como consumismo, globalização, industrialização, consequências do capitalismo e o contexto onde se estabelece o capitalismo, a fim de suprir as suspeitas de se há ou não prospectos para aproveitamento desse sistema. Esse processo, feito conforme a busca de teoria especializada sobre o tema, formulada em moldes normatizados, de modo a facilitar uma apreensão plena, via discurso argumentativo e filosófico.

PALAVRAS-CHAVE: Capitalismo, globalização, sociedade do espetáculo, efeitos do capitalismo.

ABSTRACT: The "Capitalism" subject is explored and speculated extensively: it is studied in schools, the understanding of the financial universe depends on it and it is a focus of political debate. However, the discussion on the subject is often superficial and incomplete. Aiming to clarify and seek a more aware debate, tangential issues to capitalism will be addressed as consumerism, globalization, industrialization, consequences of capitalism and the context in which capitalism sets itself, in order to overcome the suspicions of whether or not there are prospects of using this system. This process, performed according to the search for specialized theory on the subject, is formulated in standardized manner in order to facilitate a full grasp, through argumentative and philosophical discourse.

KEYWORDS: Capitalism, globalization, spectacle society, capitalism effect.

1. INTRODUÇÃO

O capitalismo apresenta-se no mundo contemporâneo de maneira hegemônica: apenas China, Cuba, Coreia do Norte e Vietnã não se declaram dentro desse sistema econômico. É o sistema que preza, conforme percebido etimologicamente, o capital, qual seja, algo que sirva como valor de troca e que tenha a capacidade de, progressivamente, gerar mais capital. Sendo este um sistema ao qual são atribuídos méritos de desenvolvimento tecnológico, é de sumária importância a percepção de suas possíveis limitações e de até que ponto este é benéfico. Por ser um sistema que teve de se reinventar, é compreensível que seu formato possivelmente esteja desgastado, haja visto que os moldes imperialistas são uma fase já dispensada deste. Existe, entretanto, uma nova estruturação capitalista neoliberal, com certos paralelos à antiga forma, e potências consolidadas nesse sistema como os famigerados Estados Unidos.



Com base nessas reflexões e comparações, o problema norteador deste artigo é: dada a situação do mundo contemporâneo, há prospectos de aproveitamento do capitalismo? Este tema foi escolhido em vista da curiosidade quanto à real eficiência do sistema capitalista. Ainda mais, porque acredita-se que é imprescindível questionar os modos a que os indivíduos estão submetidos no cotidiano, principalmente por, devido à inserção, ser dificultada a reflexão consciente quanto a esse assunto, e apontar os empecilhos dos mesmos. Dessa forma, a definição do assunto abordado surge basicamente da urgência em questionar-se toda forma de monopólio. O objetivo desse trabalho é a proposta de pensamento e revisão do sistema econômico mais difundido atualmente, para saber se é em geral benéfico ou se é um aparato para a contemplação exclusiva de países de primeiro mundo, incutida aí a ideologia da globalização. Nesse sentido, pretende-se também questioná-la e deixar de guiar-se por sentimentos possivelmente superficiais e unilaterais.

A seguir, no referencial teórico, serão desenvolvidas as implicações e desdobramentos do sistema capitalista, feitos através de uma metodologia exploratória de fontes bibliográficas, buscando respaldar-se não em "achismo" acrítico, mas em informações concretas e teorias de renome científico. Nas considerações finais, serão retomados os objetivos prévios, a abordagem do conteúdo e tudo aquilo desenvolvido no referencial teórico para então fazer-se um fechamento e as conclusões que puderam ser tomadas.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. CAPITALISMO – IDEÁRIO E DESENVOLVIMENTO

O capitalismo é um sistema econômico que se iniciou após o feudalismo. Seu maior interesse é o acúmulo de capital. O consumismo é um dos seus maiores aliados, pois, com o aumento de consumo dos cidadãos, mais lucros as empresas têm e mais os empresários ganham para investir em sua empresa e pagar o salário de seus funcionários. O marketing é muito utilizado para incentivar o consumo: as propagandas convencem seus espectadores de que, independentemente dos produtos já possuídos pelos consumidores, haverá outro de mesma natureza porém mais novo, e o consumidor, mesmo sem necessidade iminente, deverá substituir o seu, ainda útil, pelo mais novo.



O modo de produção que define o sistema capitalista baseia-se no trabalho assalariado – que passa a substituir o antigo trabalho servil. Há uma categorização do povo em dois grupos principais: o proletariado e a burguesia. Passa a existir uma privatização dos meios de produção.

De acordo com a maioria dos historiadores, o capitalismo pode ser dividido em três fases: o Capitalismo Comercial, o Capitalismo Industrial e o Capitalismo Financeiro. O período pré-capitalista (entre os séculos XII e XV) é caracterizado principalmente pela ausência quase que total do trabalho assalariado, esse existindo apenas nos principais centros urbanos e de forma discreta. Porém, nessa época ocorreu um crescimento expressivo na economia mercantil, marcando o início do sistema capitalista. A terceirização dos meios de produção era inexistente: os trabalhadores vendiam seus produtos manufaturados - geralmente obtidos através do artesanato - não sua força de trabalho. Na fase comercial do capitalismo, o antes tímido trabalho assalariado sofre uma expansão. Os comerciantes – que compravam dos produtores para depois revender para os consumidores – foram a classe mais beneficiada com essa etapa. O capital se aglomerava no comércio e não na produção, criando uma maior circulação dele. Estendeu-se do século XVI até o XVIII e propiciou o mercado para a eminente Revolução Industrial.

No século XVIII, na Inglaterra, começa o processo da Revolução Industrial, que viria a transformar expressivamente o sistema capitalista e dar início à fase industrial do sistema. O capital que foi acumulado com a sua circulação durante a fase anterior agora passa a ser usado nos processos de produção. A partir desse momento o capitalismo começa a difundir-se pelo mundo inteiro. O trabalho assalariado se consolida e o processo de divisão da sociedade entre as duas classes sociais supracitadas fica mais evidente, tendo em vista que os trabalhadores (proletariado) ficam sem opção se não vender sua mão-de-obra para os ricos (burguesia) e usar os meios de produção destes. Até o início do século XX o capitalismo industrial foi dominante sobre praticamente todos os cantos do planeta e também deu início ao processo de desenvolvimento da Globalização, já que fez com que as nações comesçassem a competir entre si para atingir status de país industrializado e ganhar notoriedade a nível internacional.

A terceira e atual fase é a do capitalismo financeiro, que tem suas raízes nos últimos anos do século XIX e se consolida no começo do século XX. Nessa etapa, é visível a influência dos agora poderosos bancos e corporações sobre praticamente todas as atividades da sociedade. As empresas obtêm um crescimento enorme, às vezes



chegando a adquirir notoriedade global – são as multinacionais -, e passam a ter enorme influência na sociedade, como afirma o sociólogo Paulo Martinez (1987, p. 4): “Não podemos subestimar o poder das multinacionais em manipular os governos, as lideranças e até povos inteiros [...]”. Uma das características mais marcantes dessa fase é a incrível fluidez que o capital alcança com a ajuda da agora desenvolvida globalização e do incremento de tecnologias poderosas como a informática. Fica instituído o objetivo principal de maximizar os lucros da forma mais ágil possível.

2.2. OS EFEITOS DO CAPITALISMO NO AMBIENTE E NA SOCIEDADE

O capitalismo, com a sua lógica de crescimento ininterrupto, se utiliza dos recursos naturais a todo momento – recursos esses que muitas vezes não são renováveis. Isso ocasiona uma destruição gradual dos recursos naturais do nosso planeta, gerando, assim, diversos problemas climáticos, como o famigerado aquecimento global.

O processo de urbanização promovido pelo capitalismo fez com que, nos últimos séculos, fossem criadas enormes cidades e, junto com elas, grandes aglomerados fabris. As fábricas existentes nesses ajuntamentos, através da queima dos mais diversos materiais, principiaram um processo de liberação de enormes quantidades de gases, como o dióxido de carbono e o metano. Gases como esses sempre existiram em nossa atmosfera e são essenciais para a manutenção da temperatura amena do planeta, já que formam uma espécie de manto que envolve a Terra e retém o calor de uma específica quantidade de raios solares, tornando o nosso planeta um local com temperatura propícia para os humanos. Porém, com a expansão exponencial das fábricas – não só delas, mas também de outras atividades e aparatos como as queimadas e os automóveis, que liberam substâncias agressivas – a espessura da camada de gases está ficando muito maior do que o comum. Em consequência, uma quantidade maior de calor fica retida na Terra e isso ocasiona o aumento das temperaturas, que por sua vez acarreta o derretimento de geleiras, e subsequente elevação do nível dos mares e destruição de áreas litorâneas, queimadas, maior ocorrência de furacões e tornados, entre muitas outras catástrofes.

Outro problema gerado pelo capitalismo é a desigualdade social, frequentemente mal interpretada como desigualdade econômica (desigualdade de renda). O primeiro, na



verdade, é um termo muito mais abrangente do que prega o senso comum. Ele engloba disparidades como as de educação, de gênero, de oportunidade, de previdência, entre outros. Por já estarem muito bem distintas as desigualdades em setor infra para cada país, seja essa diferenciação por classes, castas ou estamentos, e ser um tanto raros os casos de ascensão social, parece não haver uma relação tão forte entre o que foi produzido em vida e a colocação pessoal em cada nível social. Ou seja, salvas exceções, a desigualdade social é uma realidade inata, se considerado que uma pessoa que, por exemplo, tenha nascido em um país africano sob guerra civil dificilmente alcançará as condições de um indivíduo de próspero país europeu qualquer. Nesse sentido, forma-se como uma corrente, em que uma desigualdade puxa a outra, e nada se pode fazer a fim de corrigir-se o mecanismo. Em outras palavras, pelas condições levarem ao estudo, ao resultado e à renda, concentra-se uma massa desfavorecida, incapaz de mudar estas, efeito exterior ao indivíduo. Abordando-se dessa forma, vê-se a desigualdade sob um prisma de inércia, quase que uma desgraça hereditária, então agravando, a cada geração, o fenômeno que, circularmente, justifica-se em sua própria existência. Grosso modo, a classe dominante tem oportunidade para crescer progressivamente; a classe operária, o contrário.

O Brasil é muito desigual, como comprovam os dados da ONU. Em 2005, o país foi considerado o oitavo país mais desigual do mundo. Em 2009, o índice Gini - que mede desigualdade de renda - comprovou que a do Brasil caiu de 0,58 para 0,52 (o índice é mensurado de zero, o que seria um país totalmente igualitário, a um, o que seria um país totalmente desigual). A dessemelhança existente no Brasil é ilustrada por Hélio Jaguaribe, sociólogo carioca, em seu artigo publicado na Academia Brasileira de Letras. Nele, ele disserta:

Num país de 190 milhões de habitantes, um terço da população dispõe de condições de educação e vida comparáveis às de um país europeu. Outro terço, entretanto, se situa num nível extremamente modesto, comparável aos mais pobres padrões afro-asiáticos. O terço intermediário se aproxima mais do inferior que do superior. (JAGUARIBE, 2008, pág. 1).



2.3. O MUNDO GLOBALIZADO, A DIFUSÃO DE UMA IDEOLOGIA E A INTERDEPENDÊNCIA DE PAÍSES

O fenômeno da Globalização está intimamente ligado ao Capitalismo, já que é uma forma de consolidação desse sistema a nível global. O processo funciona como um meio de instalar uma cultura baseada em um monopólio ideológico nas diferentes nações, estabelecendo uma relação de preponderância dos países desenvolvidos, portanto idealizadores, sobre os outros países. Nesse sentido, Globalização é como um neologismo do mundo atual utilizado para eufemizar uma ação amplamente controladora por parte dos países influentes. A partir dela, nações poderosas, como os Estados Unidos da América, impõe seus ideais sobre os chamados países periféricos, fato que é expresso na crítica do economista norte-americano John Kenneth Galbraith:

Globalização é um termo que eu não uso. Não é conceito sério. Nós, os americanos, o inventamos para dissimular nossa política de entrada econômica nos outros países. E para tornar respeitáveis os movimentos especulativos de capital, que sempre são causa de graves problemas. (J. K. Galbraith *in* PERROTA, Carmem *et. al.*, 2003, pág. 6)

A Globalização provoca diversas alterações na estrutura do nosso planeta, que acarretam efeitos dicotômicos. Entre os desenvolvimentos decorrentes deste, há o aprimoramento das tecnologias – o que leva a um aumento da longevidade e melhoria na saúde e na qualidade de vida –, dos meios de comunicação – tornando o acesso à informação disponível a todos os países envolvidos pela Globalização através de um mecanismo de transmissão automatizado e instantâneo –, do mercado – através de uma maior disponibilidade de mão de obra –, entre outros.

Porém, a Globalização também tem seus aspectos negativos. Com ela os povos perdem sua autonomia econômica, pois cada país fica restringido a não produzir toda sua gama de produtos que seriam consumidos, e com isso torna-se dependente de outros países por causa da importação e exportação, já que cada país fica encarregado com certa quantidade de produtos em que é especializado e não tem como sustentar-se plenamente. Esse fenômeno pode ser traduzido como uma rede de interdependência ou codependência a nível internacional, uma enorme organização de subordinados. Os povos abarcados pela globalização acabam tendo como modelo os países superiores em



tecnologias e conseqüentemente enaltecem as culturas alheias, menosprezando a sua própria.

Por si só, a Globalização não deve ser vista como vilã. Ela vem proporcionando uma possibilidade imensa de comunicação sem fronteiras, através de seus variados recursos, criando uma interação entre os diferentes povos e um choque cultural que, apesar de, amiúde, apresentar-se nocivo, pode ser bem aproveitado enquanto compartilhamento de vivências e informações entre as nações. Além disso, ela está promovendo de uma forma nunca vista antes o aperfeiçoamento de tecnologias e, como resultado disso, avanços em áreas como a saúde. O perigo da Globalização está na forma como ela ocorre. Muitas vezes acontece uma espécie de extermínio da identidade própria de várias nações, haja visto que estas, em geral compram como quimérico o pensamento de que a vida otimiza-se quando são aplicadas as culturas vistas como superiores, quais sejam, a dos países desenvolvidos. Mesmo assim, a Globalização ainda abre espaço para aproveitamento no cenário do mundo contemporâneo, trazendo consigo atuações imprescindíveis; por exemplo, a inclusão digital e o desenvolvimento tecnológico.

2.4. SOCIEDADE DO ESPETÁCULO – O IDEÁRIO COLETIVO E SUA RELAÇÃO COM O CAPITALISMO

O termo “Sociedade do Espetáculo” é uma expressão criada por Guy Debord, cineasta, filósofo e escritor francês. Sociedade do Espetáculo é o tema desenvolvido em obra homônima, e, por latência, atinge o capitalismo em sua dialética e em sua crítica. Constrói uma lógica com muito vocabulário próprio, cheio de metáforas, respaldando-se em Marx e fazendo referências a pensadores como Freud e Mikhail Bakunin.

Segundo sua lógica, o mundo contemporâneo não se apresenta apenas pela simples ideia de uma sociedade pautada em qualquer ideal que seja – o mundo contemporâneo é, na verdade, uma fusão entre aquilo que as relações humanas realmente implicam e o dito ideário coletivo, construído ao mesmo tempo individualmente e em conjunto. Esse ideário coletivo compreende, em sua plenitude, a imagem e a idolatria aprendida a construir-se ao redor desta, montado sob padrões de meios e fins. Seus meios são os indivíduos da sociedade e seu trabalho, conscientes de sua alienação, e seus fins são o próprio produto advindo dos meios, construído e idealizado pelos indivíduos, porém, enquanto expresso sob a forma de lucro (o lucro, novamente, criado a partir dos padrões imaginativos sociais), afasta-se de seus



verdadeiros donos, passando a ser uma alienação em que existe consentimento mudo. Conforme consta na obra "A Sociedade do Espetáculo":

O espetáculo, compreendido na sua totalidade, é simultaneamente o resultado e o projeto do modo de produção existente. Ele não é um complemento ao mundo real, um adereço decorativo. É o coração da irrealidade da sociedade real. [...], o espetáculo constitui o modelo presente da vida socialmente dominante. Ele é a afirmação onipresente da escolha já feita na produção, e no seu corolário – o consumo. (DEBORD, Guy, 1997, p. 9-10)

Nesse sentido, o mundo contemporâneo são, grosso modo, as relações sociais e o misticismo acerca dos padrões de valores a que todos, sem questionamentos, se submetem. É irônico, entretanto, que o mundo contemporâneo revolva em torno de uma imagem baseada na perfeição, e essa imagem, que é puramente uma fantasia coletiva, seja buscada, ao passo que ela se torna cada vez mais palpável e visível, sendo o fim imaginário cujo meio está inserido nas relações sociais, e mais distante, à medida que essa idealização é inalcançável, pois a perfeição é simplesmente ilustrativa, tornando nossa sociedade um mundo em que a identidade está em crise. Ou seja, ao mesmo tempo em que se institui aquilo que é realidade, esta se encontra alicerçada em um conceito deturpado, de irrealidade, embasando, pois, um ambiente antitético.

Tal contexto supracitado depreende-se em dois conceitos: consumismo e globalização. São esses pilares essenciais na compreensão do que a sociedade hodierna é e representa. A partir da compreensão do básico dessas ideias e da identificação do espetáculo como as relações mediadas pela imagem e pelo apelo e fetichismo então formados, é possível relacionar o aspecto de análise psicossocial, abordando como que a metafísica das relações do meio, com a máquina capitalista e seus espetáculos. O espetáculo da idealização da imagem, imagem na forma de produto e de matéria para troca, é possivelmente o artifício mais inteligente para a conversão do coletivo para o capitalismo. Por conseguinte, averigua-se a lábria que garante o monopólio da corrente capitalista; é a argumentação calada que parte da sociedade do espetáculo, uma sociedade enaltecadora de uma realidade baseada na imagem e não no que as coisas são, mas no que as coisas têm. É a valorização do bruto de produção dos indivíduos, sobre os indivíduos. Nesse aspecto, pode-se dizer que o capitalismo provoca uma patologia mental coletiva, ao passo que desvirtua a vida de um povo de seu viver pleno, semeando migalhas de uma perfeição sintética, erguida em um pseudomundo, com suas pseudopossibilidades e sua pseudorealização, feito para desestabilizar a livre iniciativa de valorização de acordo com intuição ou consciência própria. Em que se pesem as

Volume 2, Setembro de 2011.



apreciações, no fundo o capitalismo é também o espetáculo, idealizando a imagem do capital, convencendo uma massa de forma a zumbificá-la e pasteurizá-la, e fazendo com que haja submissão geral ao onipotente capital. O capitalismo não apresenta forma de aproveitamento a esse nível social, e passa a ser lesivo.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o problema de pesquisa, foram realizadas diversas observações quanto a importantes fatores a serem analisados. Tomando-se consciência acerca de conceito e história do capitalismo, de globalização, da realidade coletiva procedente e dos efeitos diretos no ambiente e na sociedade, torna-se possível uma argumentação fundamentada e plausível. Ainda assim, os resultados não são unânimes em essência, apresentando posições conflitantes quanto a diferentes partes.

Em primeiro lugar, por lógica, o capitalismo encontra espaço para desenvolvimento em sistemas mais avançados e produtores: basta recorrer a sua história para saber que é, apesar de restrito em teoria, bastante plural em prática. Assim, há grandes chances de cometer observações equivocadas ao falar-se de modo assertivo. É preciso ter cautela no tocante às colocações. É o caso da globalização: pode ser acusada de engendro a favor da monopolização e fabricação de um arquétipo social no mundo todo; em contraposição, abriga possibilidade de desenvolvimento tecnológico em diferentes áreas e de comunicação fraterna e acessível, em todo o planeta.

No entanto, a maneira como o capitalismo se apresenta em padrões atuais provoca consequências devastadoras ao ambiente – de forma que, caso não modificada, trará danos irreversíveis e catástrofes arrasadoras. Isso, em conjunto com as discrepâncias a nível social, revela uma face bastante negativa do sistema. Ainda mais, respaldando-se nas divagações de Guy Debord, o capitalismo provoca um apelo doentio ao idealizar as formas de imagem e propaganda. O sistema é libertador enquanto garante a liberdade de iniciativa e mercado, porém ceifa ao admitir a responsabilidade de influenciar na ideologia alheia.

Em conclusão, o balanço da influência capitalista é negativo. Afinal, a partir da noção de que o edificante é aquilo que escancara oportunidades, em vez de restringi-las, o capitalismo, ainda que se desdobre em um leque de opções, unifica o povo, com intenções deveras dúbias. A extinção da cultura própria é absolutamente perniciososa e



claramente caminha para a diminuição de possibilidades e personalidades. Porém, ainda que o capitalismo englobe maneiras nefastas para seu estabelecimento, ele pode provir razoável campo para desenvolvimento; o que não é por si só suficiente. O suficiente seria ter prospectos de aproveitamento e esses serem em prol da defesa da individualidade, dos direitos humanos e do ambiente, para o que, infelizmente, não há indícios.

REFERÊNCIAS

CAMARGO, Orson. **Desigualdade social.** Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/sociologia/classes-sociais.htm>>. Acesso em: 31 mai. 2011.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo.** São Paulo: Contraponto, 1997.

JAGUARIBE, Hélio. No limiar do século 21. **Folha de São Paulo.** São Paulo: 1 ago. 2008.

MARTINEZ, Paulo. **Multinacionais: Desenvolvimento ou exploração?** São Paulo: Moderna, 1987.

MAGNOLI, Demetrio. **Globalização: Estado Nacional e Espaço Mundial.** São Paulo: Moderna, 2003.

PERROTA, Carmem et. al. Formação Pedagógica Profissional na Área da Saúde: Enfermagem – Educação, Sociedade e Cultura. 2ª Edição. EAD/ENSP. Brasília, 2003. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/form_ped_modulo_02.pdf>. Acesso em 31 de maio de 2011.

SALMEN ESPINDOLA, Haruf. **Ciência, capitalismo e globalização.** São Paulo: FTD, 1998.

SILVEIRA, Dimitri. **Capitalismo: catástrofe para o meio ambiente.** São Paulo: 15 dez. 2005. Disponível em: <<http://www.lsr-cit.org/meio-ambiente/38->



REVISTA ELETRÔNICA



meioambiente/135-capitalismo-catastrofe-para-o-meio-ambiente>. Acesso em: 31 mai. 2011.